

## BALANÇO MENSAL

# “Virada acontecerá no ano que vem”

Marcelo Néri defende programas de crédito para os mais pobres para combater desigualdade social

O chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, Marcelo Néri, se definiu como um “otimista condicionado” ao fazer previsões de melhora para o mercado de trabalho em 2004.

– Acho que a performance do mercado de trabalho em 2003 já está dada. Mas no ano que vem vai ter uma folga, uma virada, condicionada à realização das reformas e à não ocorrência de acidentes de percurso na área externa”, afirmou.

Néri lembrou que o atual governo recebeu do anterior uma herança de vulnerabilidade que aumentou muito o prêmio de risco do país,

mas acabou se tornando favorável.

– No começo do governo, a fotografia que se tirava da economia brasileira era horrível, porque embutia uma ex-

pectativa desfavorável desse governo. Uma vez que o governo mostra competência, clareza de objetivos, isso se torna um verdadeiro trampolim para a economia brasileira. Acho que me declaro um otimista – disse ele.

Na ponta do lápis, entretanto, Néri prevê que esse governo não terá condições de gerar ocupação para os oito a dez milhões de desempregados que existem hoje no país.

– O Brasil precisaria crescer 5% ao ano nos próximos quatro anos para gerar de oito a dez milhões de empregos. Acho que não vai conse-

guir mesmo.

Mas há outros caminhos, disse o pesquisador, e o principal deles seria a distribuição de renda. Ele calcula que se o país crescesse 5% ao ano em quatro anos, a pobreza cairia 20%. Se a esse mesmo cenário fosse acrescida uma redução de 8,5% na desigualdade, a pobreza ficaria 46% menor.

– Não basta só crescer. É importante pensar na qualidade distributiva do crescimento, no investimento nas pessoas de baixa renda – defendeu.

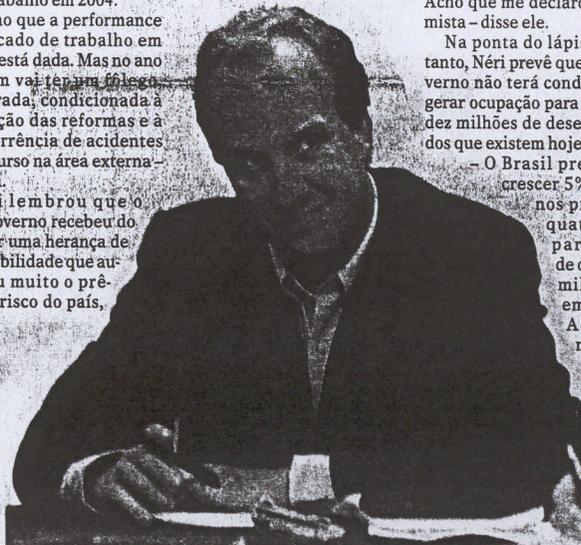
De acordo com Marcelo Néri, os indicadores dos últimos cinco anos mostram que a crise social do país está concentrada no mercado de trabalho das áreas metropolitanas e atinge sobretudo os jovens. Nessa concentração de pobreza, ele também identifica a raiz da violência urbana que assola as grandes metrópoles. E propõe soluções que passam pelo

microcrédito e poupança com características específicas.

– Não basta dar dinheiro ou microcrédito a taxas baixas. Isso é uma enganção. O crédito no Brasil não é para o produtor, é para o consumidor; não é de longo prazo, é de curto prazo; não é privado, é público e não eficiente.

Para mudar esse cenário e viabilizar o “crédito para a baixa renda, para o produtor, e de longo prazo”, o professor da FGV sugere que sejam aproveitadas as estruturas de outros programas.

– O miserável do setor informal já recebe o cartão do Bolsa-Escola e vai ter o do Fome Zero. É uma tecnologia eletrônica provida por instituições creditícias, como a Caixa Econômica e Banco do Brasil. Por que não transformar isso num programa de microcrédito? É uma possibilidade que nunca existiu antes no Brasil, de realmente dar crédito para pobre.



**“Não basta crescer. É preciso investir nas pessoas de baixa renda”**

MARCELO NÉRI  
PROFESSOR DA FGV